

Caipora

e o
fim do mundo





Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

Conselho Editorial

Luciano Nascimento Silva (UEPB) | José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB) | Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Conselho Científico

Afrânio Silva Jardim (UERJ) | Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB) | Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN) | Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP) | Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Diego Duquelsky (UBA) | Maria Creusa de Araújo Borges (UFPB)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN) | Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB) | Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Germano Ramalho (UEPB) | Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB) | Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sogas de Mello Bandeira (IPCA/PT) | Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB) | Vincenzo Milittello (UNIPA/IT)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral | *Design Gráfico e Editoração*

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes | *Design Gráfico e Editoração*

Leonardo Ramos Araujo | *Design Gráfico e Editoração*

Elizete Amaral de Medeiros | *Revisão Linguística*

Antonio de Brito Freire | *Revisão Linguística*

Danielle Correia Gomes | *Divulgação*



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Nélson Barbosa de Araújo

A Caipora e o fim do Mundo



Campina Grande-PB

2018

Coleção Literatura Popular

Conselho consultivo

Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista (UFPB)

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais (UFMG)

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (UEPB)

Conselho editorial

Prof. Dr. Arnaldo Baptista Saraiva (Universidade do Porto-Pt)

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)

Profa. Dra. Marieta Prata de Lima Dias (UFMT)

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva Aragão (UFPB)

Prof. Dr. Adriano Carlos de Moura (IFPE)

Prof. Dr. Josivaldo Custódio da Silva (UPE)

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA HELIANE MARIA IDALINO SILVA - CRB-15º/368

A663c Araújo, Nelson Barbosa de.
A capiora e o fim do mundo. [Livro Eletrônico]./ Nelson Barbosa de
Araújo. Campina Grande: EDUEPB, 2020.

342 kb. 39 p. (Coleção Literatura Popular)

Modo de acesso: <http://eduepb.uepb.edu.br/e-books>

ISBN: 978-85-7879-509-2

1. Literatura de cordel 2. Prosa brasileira - Memórias. 3. Literatura Popular. I. Título.

21 ed. CDD 398.5

CDD B869.808

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Coleção Literatura Popular

Essa coleção, em formato digital, homenageia os quarenta anos de existência do Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP. Pretende apresentar, ao público em geral, a descrição do que é Literatura Popular além das discussões mais significativas que envolvem o assunto, conceitos, gêneros e modalidades de expressão.

A Literatura Popular engloba um número vasto de expressões literárias, algumas vezes de autoria desconhecida e datando de épocas antigas da nossa língua, o que permite considerar sua tradicionalidade. A distinção do que é popular, nem sempre, é apresentada com clareza ao público que passa a restringir seu significado apenas à cantoria ou ao cordel. Entretanto, trata-se de uma literatura, de formas e gêneros diversos, feita pelo povo e para o povo, na linguagem que ele conhece, do jeito que ele sabe dizer, espontânea e simples, mas muito importante porque traduz seus valores e sua ideologia. Se quisermos conhecer uma comunidade, comecemos por estudar suas manifestações populares e aí estaremos penetrando em sua alma.

Os gêneros literários populares são construídos em prosa ou verso e transitam por duas modalidades de língua: a oralidade de que fazem parte as cantigas de brincar, de ninar, de folgedos, (tradicionalis ou não) os aboios e toadas de vaquejada, os desafios e as cantorias de viola; os contos populares, as lendas e romances poético-musicais; e a modalidade escrita, em que é produzido o gênero cordel, geralmente por

meio de um suporte chamado folheto.

Pesquisadores nacionais ou estrangeiros que estudaram essa literatura, em seu sentido amplo, ou que organizaram coletâneas de estudos sobre o assunto são convidados a nela publicarem. Como proposta inicial, apresentamos os livros seguintes que organizamos, com a colaboração de outros pesquisadores, durante o tempo em que estivemos coordenando o Programa de Pesquisa em Literatura Popular- PPLP, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba. São eles: 1- Quem é o povo?; 2- Estudos em Literatura Popular I; 3- Estudos em Literatura Popular II; 4- Estudos sobre o Romancero; 5- A caipora e o fim do mundo; 6- Memórias de um vaqueiro; 7- O popular no discurso erudito de José Lins do Rego.

Este livro *A Caipora e o fim do mundo* se enquadra no gênero Cordel, publicado no suporte livro, e trata do folclore brasileiro, mais especificamente, de uma entidade muito conhecida no interior nordestino -- a Caipora, também conhecida como Comadre Fulozinha que, segundo o autor, possui “energia positiva”, sendo “a alma da terra viva” e, portanto, a protetora da fauna e da flora brasileiras. A autoria é do poeta popular paraibano, de Princesa, Néilson Barbosa de Araújo, doutor em Letras pela UFPB, com apresentação em verso por Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista.

Alguém já disse que a poesia não ensina a governar
E muito menos a ser governada
A poesia deve, isso sim, indisciplinar os espíritos.
Pois bem. Se “A Caipora e o Fim do Mundo”
Não indisciplina os espíritos, prega, no entanto,
A necessidade de preservação do meio ambiente.
E, para tanto, cumpriu a Néelson Barbosa de Araújo
A tarefa de, através de versos enxutos, concisos,
Vazados à maneira da literatura de cordel,
Conclamar a todos para, numa ação conjunta,
Coesa e coerente, exercer a cidadania em toda a sua
plenitude.
Quero agradecer, pois, ao amigo Néelson,
O prazer que ele me propiciou com a
Leitura desse “A Caipora e o Fim do Mundo”

Sérgio de Castro Pinto

Escritor, Poeta e Professor da Universidade Federal da Paraíba

Agradecimento

A Barbosa, meu irmão
Que acreditou no cordel
Com amizades tão boas
Feito cabaças de mel
A exemplo do carvalho
Homem de lei, João Manoel

A meu pai (in memoriam), minha mãe, Marcinha, João Batista, Victor, Dilva, Dione, Rossana, Sávia; aos caçadores e contadores de estórias; às professoras Neuma Fechine, Fátima Batista, Vera Luna, Elisalva Dantas, Ivone Lucena, Maria Angélica, Maria Aparecida; aos sonhadores e amigos que gostam de mentalizar as nossas histórias.

Sobre a Caipora e o fim do Mundo

Este livro importante
Que Néelson fez publicar
Deixou minha alma exultante
Com seu saber popular
Não sei se o judeu errante
Veio pr'essas bandas de cá
Só lhe digo, meu amigo
Leia. Você vai gostar

A Caipora e o Fim do Mundo
É um livro, sim Senhor
Que fala das coisas bonitas
Que Deus pr'o sertão mandou
S'eu tivesse que pensar
Trocaria de lugar
Só prá ver ela passar

Aqui você vê e aprende
O que é uma caipora:
Gigante, bebê e gente
De forma bem diferente
Ladra, bate e come
Salva, cura e une o ente
No instante depois consome

É alma da terra viva
Que protege a natureza
Uma grande força ativa
Que possui toda beleza
De Iracema o perfil
Em ecologista de grandeza
Transforma o caçador vil

O bonito dessa história
É a mistura interessante
De terra, povo, conto e lenda
Folha, flor, metal brilhante
Que nos conduz para a glória
De compreender nossa gente
E registrar a memória

Leve você, caro amigo,
Esse livrinho consigo
Leia-o, com muito cuidado
E se livre do perigo
De destruir a caipora
Deixando desprotegida
Nossa fauna e nossa flora.

Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

Professora da Universidade Federal da Paraíba

Pesquisadora em Literatura Popular

Produtividade em Pesquisa do CNPq

A Caipora e o fim do Mundo

Peço a atenção de vocês
Para o meu dizer agora
Sob a lei da natureza
Que a todo tempo vigora
Com muita sinceridade
Vou descrever de verdade
O que é a Caipora.

Alguém vai pensar, na hora,
Que não sou muito normal
Por falar de quem não é
Nem gente, nem animal.
Até porque de má-fé
Inventaram que ela é
Manifestação do mal.

Sua árvore ancestral
Tem o tronco indianato
Olhando pela gramática
Caipora é cognato
A nossa deusa da flora
Vem do tupi: Kaa'pora
Que é morador do mato.

No ritual uno e nato
Energia positiva
A força mental da tribo
Em construção coletiva
Protegida por Jaci¹
Por Tupã² e Guaraci³
E a alma da terra viva.

O Pajé com a mente ativa,
Usando o saber profundo,
Pela imortalidade
Sobre este chão fecundo:
Se a natureza é igual
Essa terra é natural
E dá vida a todo o mundo.

Aprendendo sobre tudo
Cada tribo evoluía
Feito civilizações
Entre as quais a dinastia
Que da memória não saia:
asteca⁴, Incas⁵ e Maias⁶,
Cultura e sabedoria.

Monumento e profecia
Amor e simplicidade
Percebendo nos fenômenos
Os sinais da divindade
Em contato com a mente
Fez o espírito, que é gente
Conforme a necessidade.

Porém, a felicidade
Durou até certa vez
Quando o reinado da Europa
Se dizendo ser de Deus
Pela ganância invadiu
Subjugou, destruiu
O que a natureza fez.

Foi no século dezesseis
Mas, desde os anteriores,
Já vinham dismantelando
Infiltrando outros valores
Avisavam as profecias
Até que chegou o dia
De Juízo de horrores.

Um vendaval sobre as flores
Foi a colonização.
Trouxeram doenças, guerras
Mentira e corrupção
Esses europeus, à míngua
Substituíram língua,
Costume e religião.

A tanta destruição
A Caipora reagia
Contra aqueles que portavam
Alta tecnologia,
Fragilizando a aurora
Da mente da Caipora
Sua vital energia.

Às perguntas que faziam
Criaram uma explicação.
Sobre esse ser/espírito
Que impedia a extinção
Publicaram uma matéria:
Que a Caipora era
Só azar e maldição.

Mas, isso é uma invenção
Do vencedor, ao vencido
Porque, aos olhos do lucro,
O valor é invertido
Abaixo esse preconceito
Calunioso e sem jeito,
Que tem de ser corrigido.

Caipora, Ente querido
Pelos povos mais antigos
Fez parceria com seres
Que dela ficaram amigos
Unidos pela defesa
Da sagrada natureza
Que o homem põe em perigo.

A selva é o seu abrigo
Onde tem eficiência
Ao ser chamada, transcende
Em caráter de emergência.
Está pronta a Caipora
Para guardar fauna e flora,
Usando a inteligência.

Realiza a transcendência,
Quando seu nome é chamado,
Com um rigor de justiça
Pune o caçador malvado.
Depois que ela mostra raça
Volta através da fumaça
Do fumo ao toco deixado.

Seu corpo físico é formado
Em grande variação
De acordo com a lenda
O mito e a tradição
É tão fantástico esse Ente
Que aparece diferente
Em cada uma região.

Há lugares no sertão
Em que aparece um negrinho
Ágil, rebanhando o gado
Para seguir o caminho
Percorrendo a capoeira
Em ritmada carreira
Montado num porco-espinho.

Na chapada, um caboclinho
Um saci, um curupira
Pai da mata, caititu,
Usa cordas de imbirá
Bate, assobia, açoita
A caça foge da moita
E o caçador se arrepiá.

Em outros cantos varia
Em diferente formato:
Bebê de cabeça enorme;
Um caboclinho encantado
No cachorro papa-mel.
Noutra mata, apareceu
Feito um homem agigantado.

Mas, o caçador errado
Não liga para isso não
Mata sua presa fácil
Durante a reprodução
Deixa os filhos na orfandade
Mata por perversidade
Ignora a extinção.

Este terá seu quinhão
Disso pode ter certeza.
Castigo e assombração,
Chicotadas com dureza.
Ela bate em quem merece
Mas, isso só acontece
Com quem fere a natureza.

Um assobio, de surpresa
No alto daquela flora
O menino se assusta:
-Papai, é a Caipora!
Basta dizer esse nome
Menino, cachorro e homem
Vão ver o que é bom⁷ agora.

Quando a experiência aflora
Não se diz caiporinha
Diz-se que são as meninas
Do mato ou as caboclinhas
A palavra mágica esconde
O singular cognome
É Cumade Fulozinha!

É na América Latina
Ente humano e divino
Com variantes diversas
Mas, função do mesmo tino.
Por isso, perdão, agora,
Vamos falar da Caipora
Lá do sertão nordestino.

Índia de perfil lindo,
Olhos negros, é morena
Seu longo cabelo escuro
Cobre o corpo, rouba a cena
Quando olha a natureza,
Realça tanta pureza
Que se parece Iracema⁸.

Mas ela não é apenas
Nascida para ser bela.
Defende o ecossistema
Salva, cura, une e zela
Quando vem, os bichos agem
Cada um usa a linguagem,
Chamando o nome dela.

Se o cara é cheio de trela,
Caça prá ser afamado
De arataca⁹, cão, quixó,¹⁰
Espingarda ou machado.
O seu castigo é preciso:
Ela endoidece o juízo
E o doido fica areado.¹¹

Pelos cipós, enrolado,
Aquele que era tão forte
Perde todos os sentidos
Leste, oeste, sul e norte.
Sem lenço e sem documento
Fica girando ao relento
Questionando a má-sorte.

Lembra-se do fumo forte
Põe as péias sobre um toco.
Engano, não e apenas
Só isso o que está em jogo
Porque esta criatura
Está queimando a natura
Feito uma brasa de fogo.

A Caipora dá o troco
Com a defesa completa:
Uma equipe de guerreiros,
Filhos daquela floresta,
Logo ao serem atacados,
Digamos, cada soldado
Usa sua arma secreta.

Pela ordem mais direta
Vem o Saci Pererê,
Negrinho de gorro e cachimbo
Que a gente vê e não vê
Dá nó que ninguém desata
Espanta o gado na mata
Para este não morrer.

O Curupira é um ser
Que o rastro da caça faz,
Projeta o rastro voltando
O caçador não tem paz
Segue as marcas, bem contente,
Mas a caça vai para frente
E o caçador, para trás.

O pai da mata é demais
Gigante que pega o homem
Que caça por malvadeza
Não é porque sente fome.
Aquele monstro de casco
Já comemora o churrasco:
Pega, mata, assa e come.

Se um cachorro corre um monte,
Está quase a devorar
Uma presa que está prenha
Em extinção no lugar
A Caipora tem dó,
Traz o remédio melhor
Chama na hora o gambá.

Depois que a caça passar,
Ela acaba o movimento,
Lança um jato sobre o cão
De um mijo tão fedorento
O bicho perde o sentido
Rola pelo chão, ganindo¹²,
Todo mijado e nojento.

O cão fica esbaforento
E a caça vai-se embora.
O cão se esfrega no dono
E o contamina, na hora,
Sua mulher em lamento:
-Que fedô! Eu não aguento!
Tu tens que dormir lá fora!

Se um predador ignora,
Entra na mata, escondido
Com olho mágico, o canção
Acusa o inimigo.
O cão, com a ouça boa,
Corre pra cima e acoa,
E nisso acaba o perigo.

Os animais, em abrigo,
Numa sombra, ao meio-dia,
E o matador se aproxima
Já fazendo a pontaria.
De repente, um tropicão¹³
Dispara, sem direção:
Caipora e correria.

Vai matar a lambuzinha,
Que choca os ovos no chão
Quanto mais ele atira,
Mais ela parece o cão
Se arrepia e ameaça
Os tiros ficam de graça¹⁴
Resulta em assombração.

Mas, se alguém pisa no chão
Com vontade de ajudar;
Caça por necessidade
Para se alimentar;
Respeita a reprodução
Planta uma planta no chão
A sorte vai encontrar.

Se uma cacimba cavar,
Não cortar árvores à toa,
Cultivar, sem as queimadas,
Sem veneno na lavoura,
Sem causar poluição,
Sem jogar lixo no chão,
Aí que a sorte é boa!

Essa simpática pessoa
Nunca se aperta, nem chora.
Tudo o que é tão difícil
Fica fácil, sem demora.
Viverá sempre contente,
Se fartando dos presentes
Dados pela Caipora.

Ao se adentrar na flora
A caça já vem lhe ver;
Cava, acha uma botija¹⁵
De ouro, basta colher;
Olha na colmeia ao lado
Um favo de mel dourado
É só pegar e comer.

Houve até casos em que
Lá em cima de uma serra
Berravam os bichos com sede
Como se fosse uma guerra;
O homem chorou com mágoa,
De repente, um olho d'água
Caiporou sobre a terra.

Há relatos de que esta
Concedeu uma entrevista.
Ao ser bem questionada,
Mostrou seu ponto de vista.
Com seu discurso brilhante,
O caçador, num instante,
Tornou-se um ecologista.

A Caipora é nativista
E cumpre a missão de mestra,
Vive protegendo a fauna
E defendendo a floresta.
Tem desgastado o seu nome,
Enfrentando o bicho-homem,
Para salvar o que resta.

Mas o lucro é uma festa
Onde tudo é desigual.
Ferinas feras humanas
Repudiam o natural.
Só querem dinheiro raso
Sem pensar a longo prazo
No impacto ambiental.

Portando o germe do mal
Com ganância e malvadeza
Máquinas, fábricas e usinas
Permeiam a redondeza.
Gases tóxicos, queimadas,
Guerra, bomba envenenada
Poluindo a natureza.

Águas sujas, sem beleza,
Nos ares, o fumaceiro;
Adulteram embriões
De todo o nosso celeiro;
Uma gigantesca bufa
Causou o efeito estufa
Só por causa do dinheiro.

O caçador, de primeiro,¹⁶
Não provocava o deserto,
Até porque a Caipora
Sempre estava ali por perto,
Com assobio, chicote e peia,
Equilibrava a cadeia
E o sistema dava certo.

Agora, tudo é incerto,
Com esse espírito de guerra
Minado de bomba atômica,
O nosso planeta encerra
A natureza reage,
Forçada, a desenhar Marte
Na face de nossa Terra.

Quando a natureza berra
Executa reações:
Tsunamis, tempestades,
Epidemias, vulcões,
Calor, secas, maremotos
Terrorismo, terremoto
Tornados e furações.

Com as climáticas questões,
A guerreira caipora
Atua dentro da mata
Mas vêm os dragões de fora:
Corrupção, contrabando
Atingem dela o comando
Sobre a fauna e a flora.

É indispensável agora
Que estejamos espertos,
Politizados e críticos,
Com os olhos bem abertos,
Para não morrer de sede,
Vendo o nosso mapa verde
Se transformar em deserto.

A gente já vê de perto
Sem ter estudo profundo
A falta d'água e de vida.
Se não é que me confundo,
Garantem as profecias
Que, numa questão de dias,
Chegará o fim do mundo.

Lutando em favor do prumo
Estão os ecologistas,
Bons artistas, professores,
ONGs, ambientalistas,
Lançando um eco, um aboio,
Angariando o apoio
Dessa população mista.

Mas, na mata passa a brisa,
Espírito de pureza.
Quem escuta um assobio
Percebe com sutileza
É a nossa Caipora
Zelando a fauna e a flora
Em nome da natureza.

Pedimos, por gentileza,
Que adotem com alegria
Este cordel e espalhem
Com o povo, no dia-a-dia.
Venham se unir a nós,
Sejamos bravos heróis
Em favor da ecologia.

Esse Cordel nessa linha
Parece ser o primeiro
Que trata da Caipora
Com sentido mais inteiro
Pelo bem da natureza
É nossa luta em defesa
Do Folclore brasileiro.

Os relatos verdadeiros
Das caçadas do sertão,
Confirmando o que dissemos
Nessa primeira versão,
Virão num próximo volume
Seguidos, feito cardume,
Passando de mão em mão.

Para ter convicção
Ou ainda mais certeza
De que a Caipora existe,
É só seguir com firmeza
O contato não demora
No Carrasco das Caiporas
Na região de Princesa.

No seio da natureza
Está o Ente sagrado
Lutando por mais justiça
Sentenciando o malvado,
Onde, quem fizer o bem
Nunca será castigado.

Sobre o Cordel

Os registros mostram que o Cordel provém da Literatura Oral, que tem raízes na Península Ibérica, na Idade Média. Esse nome é oriundo do provençal e significa corda fina ou cordão, onde os folhetos eram expostos para serem vendidos. Dali expandiu-se para o mundo. Portugal fez uso do seu romanceiro e cancionero popular para auxiliar no processo da colonização das terras invadidas.

Com isso, contava os feitos heroicos da gente lusitana envolvendo as utopias de um mundo fantástico povoado por monstros, bruxas, fadas, heróis etc.

No Brasil, essa literatura tradicional encontrou guarida no interior do Nordeste, onde atingiu o seu apogeu a partir do século XX, através do poeta paraibano LEANDRO GOMES DE BARROS, seguido por JOÃO MATINS DE ATHAYDE e por uma grande safra de cordelistas. Assim, a literatura essencialmente de cordel passou a exercer o papel de jornalismo popular, trazendo informação, diversão, arte e consequentemente a união das famílias rurais que se reuniam nas calçadas à luz de candeeiro para cantarem as novidades do romance ou folheto.

Todavia, o cordel começou a declinar a partir da chamada era VARGAS quando a industrialização começou a tomar espaço, urbanizando o povo e fazendo-o cultuar as novidades da tecnologia, como a energia elétrica, o cinema, o rádio e mais tarde a televisão.

Isso fez com que a voz do povo fosse negada. A repressão crescia ao passo que a mídia transformava os romances de cordel em novelas para televisão, com o propósito de alienar a população ao consumismo e ao desvio da própria memória.

Assim, a cultura foi ficando cada vez mais distante da realidade popular. Por outro lado, esse poder dominante cuidou de organizar e disciplinar a imprensa, impondo a censura e o preconceito, além de punir rigorosamente os poetas de cunho mais social. Consoante, o cordel só não foi exterminado, graças à luta de alguns poetas teimosos que continuaram a vender seus folhetos, e, de pesquisadores como, NEUMA FECHINE BORGES, MARIA DE FÁTIMA BATISTA, BRÁULIO DO NASCIMENTO e outros. Estes continuam pesquisando, catalogando, preservando e divulgando a cultura popular em seus trabalhos. Vale citar, como resultado desta luta, o PROGRAMA DE PESQUISA EM LITERATURA POPULAR da Universidade Federal da Paraíba, sob a coordenação da professora FÁTIMA BATISTA, que conta com importante acervo de cordéis, xilogravuras e livros. Graças a esses heróis, o cordel está ressurgindo de maneira fenomenal nas escolas e comunidades. Aos poucos, o povo retoma a sua voz. Assim seja.

Nélson Barbosa de Araújo

Doutor em Letras PPGL/UFPB

Bibliografia

ALMEIDA, Horácio. **Dicionário Popular Paraibano**. 2ª edição, Grafset: João Pessoa, 1984.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. **A Tradição Ibérica no Romanceiro Paraibano**. Editora da UFPB: João Pessoa, 2000.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. 1º Volume, edição Saraiva: São Paulo, 1963.

CARVALHO, Rodrigues de. **Cancioneiro do Norte**. 4ª edição, Departamento da Biblioteca Paraibana: João Pessoa, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. 2ª edição, Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1962.

_____. **Literatura Oral no Brasil**. 3ª edição, Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1984.

_____. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. 2ª edição, Livraria José Olympio Editora S.A: Rio de Janeiro, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário**

da Língua Portuguesa. 2ª edição, Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986.

LIMA, Jackson da Silva. **O Folclore em Sergipe.** INL, Cátedra: Brasília, 1977.

PIDAL, Ramón Menéndez. **Romancero Hispánico.** 2ª edição, editora Espasa Calpe S.A: Madrid, 1968.

Entrevistas com caçadores e pesquisadores de todos os territórios mencionados neste cordel, inclusive, a minha experiência pessoal, ouvindo, desde menino, as histórias dos mais velhos, no sertão paraibano.

O Poeta, o Cordel e a Escola

Dedicado, fiel e atento à Cultura popular, Nélson Barbosa de Araújo encontrou em sua memória o material para produzir o cordel A Caipora e o Fim do Mundo. Só quem tem compromisso com sua gente e seu país traz da tradição popular um Ente tão importante como nossa Comadre Florzinha que durante muito tempo foi esquecida pelos cordelistas. Esse poeta de Princesa Isabel, na Paraíba, mostra talento de especialista na criação de seus versos de cordel, apresentando a história de um dos entes da floresta, sem nunca perder o ritmo que segundo estudiosos é um dos elementos mais importante desse e de outros gêneros. O cordel A Caipora e o Fim do Mundo é bastante abrangente e significativo, sendo de grande interesse estudá-lo em sala de aula, visto que podemos trabalhar seu conteúdo, sua forma, além de fazer com que nossos alunos sejam protetores da natureza. Tive oportunidade de levar para sala de aula, como professora de Língua Portuguesa dos níveis fundamental e médio, alguns textos desse cordelista, e percebi o quanto esses despertaram nos alunos o gosto pela nossa Literatura Popular.

Márcia Ferreira de Carvalho

Mestra em Letras

A Caipora Nelsoniana

Quão difícil opinarmos sobre um trabalho quando o seu autor nos é tão próximo, e este nos é tão imenso. Coincidentemente, trabalho e autor comungam dessa mesma dimensão: o Cordel e Nélon. Quão gostoso e proveitoso é adentrarmos no mais recôndito e profundo dessa caipora nelsoniana, que, de repente, leva-nos a uma reflexão, a um sentimento, a um retirar de vendas dos nossos olhos que teimam em não enxergar, e, ao mais lógico dos raciocínios: não podemos ser cúmplices ou omissos ante o morrer de uma natureza que clama por socorro! Que sejamos aliados dessa caipora e façamos algo por nossa fauna e flora! Nélon exercita e brinca com a sua linguagem, que também é a linguagem do povo e a nossa linguagem, no que ele mais gosta de fazer: cordel. Debruça-se numa janela paisagística e vê desfilar um bailado imaginário, suas criaturinhas fantásticas, seus seres místicos e míticos que encantaram suas estórias, seus solos e caatingas, suas matas e cerrados que cantam, enquanto flui mais uma de suas produções. Difícil lermos este cordel e não nos transportarmos para um mundo lendário, ou seja, mítico, já que existe uma origem para tal... Um mundo de bichos falantes, de iaras e sereias, de duendes e gnomos, de “cumades fulôzinhas” que assoviam nas densas matas fechadas, de cachoeiras, rios e riachos se entranhando pelas terras... Difícil lermos este cordel e não tirarmos uma digna lição que Nélon tão dignamente tenta transmitir, camuflando a seriedade com a brincadeira, quando tece por exemplo:

Mas isso é uma invenção
Do vencedor ao vencido
Porque aos olhos do lucro
O valor é invertido
Abaixo esse preconceito
Calunioso e sem jeito,
Que tem de ser corrigido

Nélson sabe pôr as palavras nos devidos lugares... e num tom coloquial, faz sua literatura de cordel, digna de ser lida em salas-de-aula, de ser apreciada por todos os amigos, e, principalmente, deixa os princesenses orgulhosos desse filho de Princesa, amante do cordel e da natureza.

Valquíria Lins

Poetisa

Sobre o Autor

Nélson Barbosa de Araújo, Escritor, Poeta, Contador de Histórias, Teatrólogo, Charadista, Ecologista, Professor, Ufologista e, ocasionalmente, Repentista. É natural de Princesa Isabel-PB, e radicado em João Pessoa, desde 1989. Na vida acadêmica, tem graduação em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba, Mestrado em Semiótica e Linguística, com a dissertação: *A MORTE DE JOÃO PESSOA E A REVOLUÇÃO DE 30: UMA ABORDAGEM SOCIOSEMIÓTICA DO FOLHETO DE CORDEL DE LUIZ NUNES ALVES* (2005); Doutorado em Literatura Oral e Tradicional, com a tese *A GUERRA DE PRINCESA NA LITERATURA POPULAR: MEMÓRIA E PRODUÇÃO CULTURAL* (2010). Pós-Doutorado na Universidade do Porto, em Portugal, com o trabalho em defesa da língua portuguesa falada no sertão nordestino, através dos Clássicos do Cordel de Leandro Gomes de Barros, intitulado *ECOS DO DISCURSO RELIGIOSO DA COLONIZAÇÃO EM VERSÕES CORDELÍSTICAS PORTUGUESA E BRASILEIRA DA DONZELA TEODORA*. Já publicou dezenas de trabalhos científicos e literários, em livros convencionais e em revistas acadêmicas. Tem um trabalho poético publicado, intitulado *A CAIPORA E O FIM DO MUNDO* (2008), que tematiza a questão da ecologia e os Entes da nossa floresta, como a caipora, o saci, o curupira e o pai da mata. Este trabalho está sendo referência para a ONG Caipora, fruto da tese de doutoramento, sobre a história da cultura de Princesa, envolvendo

a Guerra ocorrida na Paraíba em 1930. Ainda nessa temática ecológica publicou: O MASSACRE DOS GATOS (2011). Seus trabalhos poéticos no âmbito da oralidade viraram tema de um documentário cinematográfico, sendo premiado em festival internacional realizado em São Paulo, em 2010. Enquanto isso, não perde tempo, produzindo um livro de Contos e preparando o roteiro de um Documentário sobre a Caipora no Sertão nordestino, que ambos deverão ficar prontos no próximo ano.

CONTATOS / TEL. 83 99939-3011

poetanelson@yahoo.com.br

*“Há mais mistérios entre o céu e a terra
Do que sonha a nossa vã filosofia.”
William Shakespeare*

(Notas de Rodapé)

- 1 A lua, para os Índios (Tupi)
- 2 Deus, para os Índios (Tupi)
- 3 O sol, para os Índios (Tupi)
- 4 Povo que habitava o México antes da conquista espanhola, e que possuía uma civilização em grau muito elevado (FERREIRA, 1987,187)
- 5 Tribo submetida a dinastia reinante no Peru, até a dominação espanhola (FERREIRA, 1986, 929)
- 6 Povo indígena da América Central e parte do México, notável pelo seu grau de civilização (FERREIRA, 1986, 1065)
- 7 Expressão regional nordestina, quer dizer o contrário.
- 8 Personagem principal do romance Iracema, do escritor brasileiro José de Alencar.
- 9 Armadilha que prende o animal, vivo.
- 10 Armadilha com pedra pesada que mata o animal.
- 11 Diz-se do caçador que perde os sentidos.
- 12 Latidos entrecortados do cão, lamentando-se.
- 13 Topada, tropeço em pau, toco, pedra etc.
- 14 Sem efeito, sem atingir o alvo.
- 15 Recipiente (vaso, jarra, pote), onde eram guardadas, enterradas, as economias dos proprietários rurais sertanejos (antes dos bancos). Segundo a lenda, passadas sete sextas-feiras, após o enterramento, o dinheiro encantava-se.
- 16 Antigamente.

Sobre o livro

**Projeto Gráfico e
Edição Eletrônica** | Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Capa | Lucas Nóbrega Araújo

Revisão Linguística | Márcia Ferreira de Carvalho

